

ENSAIO ANEXO:

**Para bem esclarecer as gentes que ainda estão à espera:
Mário-Henrique Leiria não teve filhos, mas tem herdeira!**

ATTACHED ESSAY:

**To make it clear for those who are still waiting:
Mário-Henrique Leiria didn't have children, but he has an heiress!**

TANIA MARTUSCELLI¹

Após seu falecimento a 9 de janeiro de 1980, ficou herdeira universal de Mário-Henrique Leiria a tia Mimi (Célia Rocha Baptista Araújo), que era irmã de sua mãe, Hilda Rocha Baptista Leiria. Com a ajuda do marido, o vice-almirante Eugénio de Sequeira Araújo, testamenteiro do sobrinho, inventariaram todo seu acervo e entregaram o espólio, curado pelo próprio Leiria em vida e seguindo a vontade do mesmo, à Associação Portuguesa de Escritores (APE). Por não terem um lugar de consulta propriamente dito, a APE entregou o material para a Biblioteca Nacional de Portugal, onde atualmente pode ser acessado na seção dos Reservados. Segundo depoimento de João Abel da Fonseca, primo direito do artista, casado com a atual herdeira, Isabel Franco Bastos da Fonseca, a família não chegou a oficializar a questão dos direitos autorais por não precisar

de respaldo monetário. O interesse primordial é a divulgação da obra leiriana, mas não deixa de ser, por testamento da tia Mimi, detentora dos direitos de Mário-Henrique Leiria.

Não se limita, contudo, à Biblioteca Nacional, a obra leiriana. A Coleção Manuel de Brito possui outra parte do acervo, pois em tempos do falecimento do artista, a família vendeu boa parte dos materiais, objetos e móveis. «Boa parte», descobre-se neste que é o ano do centenário do artista, significa uma tranche: a família decidiu manter em sua coleção pessoal ainda outros materiais e documentos que ainda não foram trazidos a público. Leiria chegou a instruir os parentes a doarem os cerca de dez mil livros à Alhandra, em homenagem a Soeiro Pereira Gomes, conforme afirma João Abel da Fonseca, mas, «como devia muito dinheiro que pedira aos tios Eugénio e Mimi que mensal-

¹ Departamento de Espanhol e Português, Universidade do Colorado em Boulder, Estados Unidos da América. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-7468>.

mente lhe entregavam [...] entre dois e quatro contos, resolveu que estes decidissem o que fazer». Como se pode ler no depoimento do vice-almirante que aqui se publica, algumas cartas foram devolvidas aos destinatários conhecidos (como Cruzeiro Seixas e Mário Cesariny), outras foram efetivamente retiradas do acervo por considerarem, na época, material «impublicável». Distribuiu-se entre a família uma centena de livros e objetos de arte para somente depois passarem ao processo de venda às pessoas que saberiam manter a memória de Leiria, como Manuel de Brito e Rui Lemos, quem comprou um lote da biblioteca. A considerar a quantidade de textos e documentos que a família mantém em sua posse, este que tem se mostrado um novo «baú do Pessoa», há ainda muito para ser descoberto de Mário-Henrique Leiria.

Anote-se também, sobre suas dificuldades financeiras, os acontecimentos trágicos na família, cuja tradição remonta a nobreza transmontana (Leiria era do ramo dos Val de Peireiro, pela parte materna): o pai, Mário Leiria, de quem herdou a artrite reumatoide, mas também o lado artístico, era pintor, restau-

rador e trabalhava com a mãe, Guilhermina Leiria, na casa de leilões A Liquidadora (n. 1892), situada então na Avenida da Liberdade. O negócio deixou de dar lucro com o falecimento da fundadora, levando o progenitor a buscar um trabalho como funcionário público, já mais velho. Na família, era conhecido como «o gafanhoto exótico» que buscava ajuda das «das formigas» trabalhadoras. Com exceção de sua fase produtiva como tradutor, pode-se dizer que Mário-Henrique, para além da condição física e artística do pai, também herdou o papel do personagem da fábula... O facto é que, tendo perdido os avós maternos adolescente, sempre contou com o apoio familiar: os carinhos maternos de Jovília (que João Abel afirma ser a «Josela» do *Mundo inquietante*) aquando do desaparecimento da mãe, e o incentivo (financeiro sobretudo) do tio Abel, irmão de sua mãe. Este, entretanto, quando faleceu em 1960, acabou por desestabilizar o setor económico de Mário-Henrique, que decidiu, então, partir para o Brasil. Aos interessados, merece a leitura o texto de João Abel da Fonseca, «Breves dados biográficos. A importância do meio familiar», publicado na revista *Cascais Interartes* (n.º 1, 2019: 69-75).

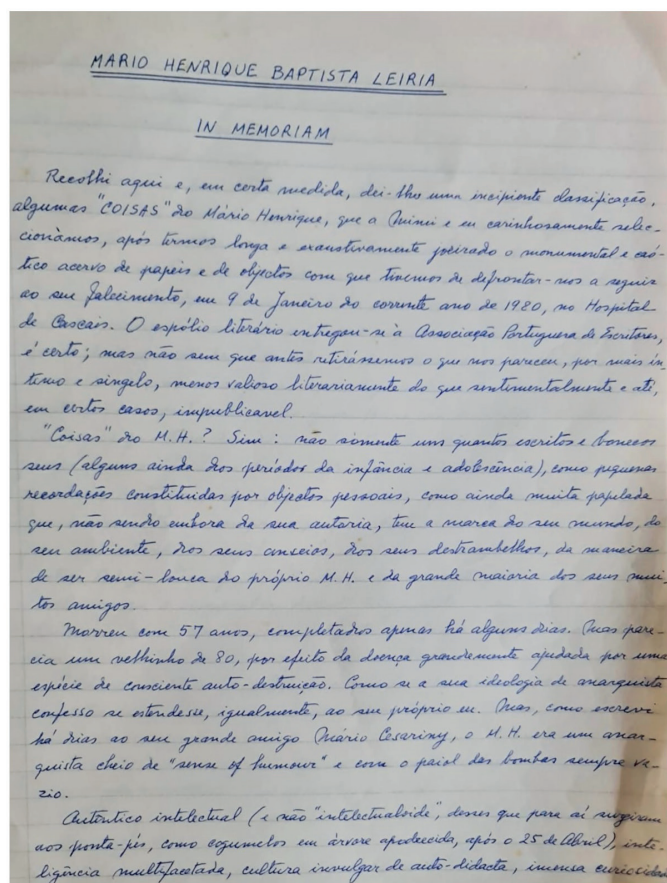


Fig. 1 – Coleção Particular, gentilmente cedido pela herdeira, Isabel Franco Bastos da Fonseca e por João Abel da Fonseca.

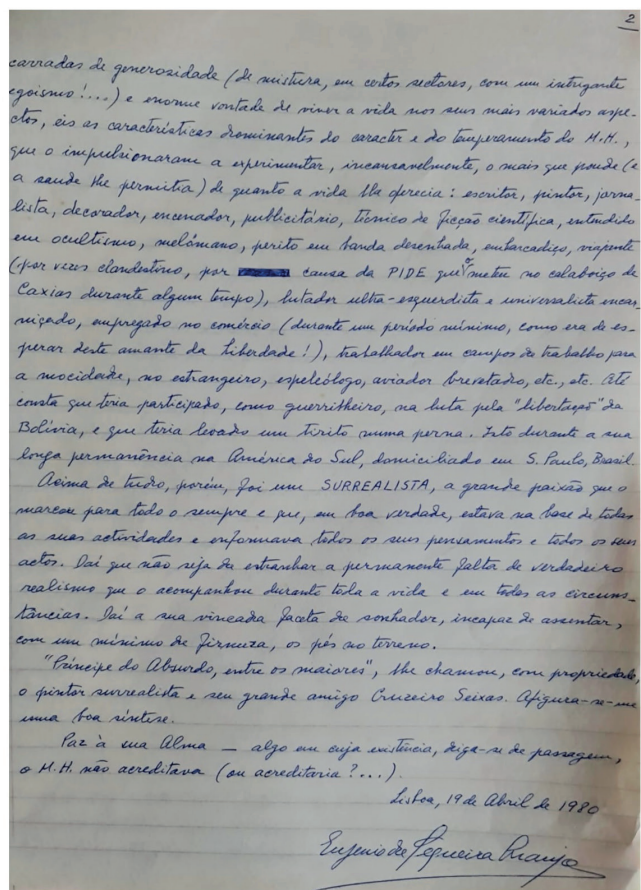
Mário-Henrique Leiria in memoriam

Recolhi aqui e, em certa medida, dei-lhe uma incipiente classificação, algumas «COISAS» do Mario Henrique, que a Mimi e eu carinhosamente seleccionámos, após termos longa e exaustivamente joeirado o monumental e caótico acervo de papeis e de objectos com que tivemos de defrontar-nos a seguir ao seu falecimento, em 9 de janeiro do corrente ano de 1980, no Hospital de Cascais. O espólio literário entregou-se à Associação Portuguesa de Escritores, é certo; mas não sem que antes retirássemos o que nos pareceu, por mais íntimo e singelo, menos valioso literariamente do que sentimentalmente e até, em certos casos, impubescível.

«Coisas» do M.H.? Sim: não somente uns quantos escritos e bonecos seus (alguns ainda dos períodos da infância e adolescência), como pequenas recordações constituídas por objectos pessoais, como ainda muita papelada que, não sendo embora de sua autoria, tem a marca do seu mundo, do seu ambiente, dos seus anseios, dos seus destrambelhos, da maneira de ser semi-louca do próprio M.H. e da grande maioria dos seus muitos amigos.

Morreu com 57 anos, completados apenas há alguns dias. Parece um velhinho de 80, por efeito da doença grandemente ajudada por uma espécie de consciente auto-destruição. Como se a sua ideologia de anarquista confesso se estendesse, igualmente, ao seu próprio eu. Não, como escreve há dias ao meu grande amigo António Escribano, o M.H. era um anarquista cheio de «sense of humour» e com o paiol das bombas sempre vazias.

Auténtico intelectual (e não «intelectualóide», domos que para aí se aproximam aos porta-joias, como aconteceu em árvore opedecida, após o 25 de Abril), anti-figueira multijacitada, cultura invulgar de auto-didacta, imensa ecuricida



do que sentimentalmente e até, em certos casos, impubescível.

«Coisas» do M.H.? Sim: não somente uns quantos escritos e bonecos seus (alguns ainda do período da infância e adolescência), como pequenas recordações constituídas por objectos pessoais, como ainda muita papelada que, não sendo embora de sua autoria, tem a marca do seu mundo, do seu ambiente, dos seus anseios, dos seus destrambelhos, da maneira de ser semi-louca do próprio M.H. e da grande maioria dos seus muitos amigos.

Morreu com 57 anos, completados apenas há alguns dias. Mas parecia um velhinho de 80, por efeito da doença grandemente ajudada por uma espécie de consciente auto-des-

truição. Como se a sua ideologia de anarquista confesso se estendesse, igualmente, ao seu próprio eu. Mas, como escrevi há dias ao seu grande amigo Mário Cesariny, o M.H. era um anarquista cheio de *sense of humour* e com o paiol das bombas sempre vazio.

Autêntico intelectual (e não «intelectualóide», desses que para aí surgiram aos ponta-pés, como cogumelos em árvore apodrecida, após o 25 de Abril), inteligência multifacetada, cultura invulgar de auto-didacta, imensa curiosidade, carradas de generosidade (de mistura, em certos sectores, com um intrigante egoísmo!...) e enorme vontade de viver a vida nos seus mais variados aspectos, eis as características dominantes do carácter e do temperamento do M.H., que o impulsionaram a experimentar, incansavelmente, o mais que pode (e a saúde lhe permitia) de quanto a vida lhe oferecia: escritor, pintor, jornalista, decorador, encenador, publicitário, técnico de ficção científica, entendido em ocultismo, melómano, perito em banda desenhada, embarcadiço, viajante (por vezes clandestino, por causa da PIDE que o meteu no calaboiço de Caxias durante algum tempo), lutador ultra-esquerdista e universalista encarniçado, empregado no comércio (durante um período mínimo, como era de esperar deste amante da Liberdade!), trabalhador em campos de trabalho para a mo-

cidade, no estrangeiro, espeleólogo, aviador brevetado, etc., etc. Até consta que teria participado, como guerrilheiro, na luta pela «libertação» da Bolívia, e que teria levado um tiritito numa perna. Isto durante a sua longa permanência na América do Sul, domiciliado em S. Paulo, Brasil.

Acima de tudo, porém, foi um SURREALISTA, a grande paixão que o marcou para todo o sempre e que, em boa verdade, estava na base de todas as suas actividades e enformava todos os seus pensamentos e todos os seus actos. Daí que não seja de estranhar a permanente falta de verdadeiro realismo que o acompanhou durante toda a vida e em todas as circunstâncias. Daí a sua vincada faceta de sonhador, incapaz de assentar, com um mínimo de firmeza, os pés no terreno.

«Príncipe do Absurdo, entre os maiores», lhe chamou, com propriedade, o pintor surrealista e seu grande amigo Cruzeiro Seixas. Afigura-se-me uma boa síntese.

Paz à sua Alma — algo em cuja existência, diga-se de passagem, o M.H. não acreditava (ou acreditaria?...)

[Dat.] Lisboa, 9 de Abril de 1980

[Ass.] Eugénio de Sequeira Araújo